

O homem e a rua e a rua e o homem - 15/10/2016

O homem se desloca pelas ruas, esse é seu território.

O homem abre clareiras, não vive da natureza.

A natureza é quase seu oposto.

E pelas ruas o homem é senhor de si.

Ele sabe por onde anda, mede os obstáculos e desliza solto.

Não é preciso muita atenção porque o cálculo todo já foi feito desde criança.

A incursão no mundo é essa experiência acumulativa.

Andando pelas ruas o homem sabe que a rua é dele e foi feita para ele.

As ruas são planejadas para o homem se deslocar, ele agradece e nelas se desloca.

Ele fecha esse círculo porque acredita que se basta, porque acredita que está satisfeito.

A esquina é logo ali, eu sei quem eu sou e sei para onde vou.

Nada me impede nessa rua, eu chegarei aonde quero e talvez nem precise estar tão concentrado assim.

Mas é assim e não poderia ser diferente: o homem só é homem por causa da rua e a rua só é rua por causa do homem.

A rua leva algo a algum lugar: o homem.

O homem vai a algum lugar, busca algo pela rua.

O homem não é pássaro e nem peixe e a rua não é ar, nem rio e nem mar.

O homem não é gado e nem leão e a rua não é pasto e nem selva.

O homem é da rua e a rua é do homem.

Mas se o homem deseja a rua e a rua deseja o homem, a rua não é o homem e o homem não é rua.

Sem homem não há rua e sem rua não há homem, mas homem não é rua e rua não é homem.

A rua movimenta o homem e o homem movimenta a rua, mas o homem se movimenta e a rua não se movimenta.

A rua está parada e o homem não pára.

A rua vê o homem e o homem vê a rua, mas a rua fica e o homem passa.

A rua é sempre rua, não foi e não será, não é diferente de rua.

O homem foi à rua, passou pela rua, arruinou a rua.

Se a rua rui é por causa do homem se o homem rui é por causa da rua, mas o homem não é a rua e a rua não é o homem.

Embora a rua seja a quilo que o homem quer o homem não é bem aquilo o que a rua quer, mas o que a rua quis.

Uma vez rua, nada mais.

Uma vez homem, sempre mais.